



## "SENHOR, ENSINA-NOS A ORAR"<sup>1</sup>

SEGUNDO CONSELHO DAS PROVÍNCIAS

1973 — AYLESFORD, INGLATERRA

Caros irmãos

O Segundo Conselho das Províncias quis enviar como no ano passado, uma breve mensagem a toda a Ordem. Em nome dos que nele participaram apresento-lhes o texto.

Para muitos o **Carmelo é sinônimo de oração**, de contemplação e de união com Deus. Não parece estranho que nós, Carmelitas, tivéssemos vindo de todas as partes para discutir sobre este "respiro" quase natural da Ordem?

**Orar é viver.** A vida é uma escola onde aprendemos continuamente coisas novas, exatamente agora que vivemos num mundo tão cheio de mudanças. Esta renovação da vida é um desafio para nós, perante o o qual não devemos nunca pensar que atingimos a meta. Foi com este espírito que em Aylesford não só falamos em conjunto, ouvimos, inquirimos, mas também rezamos.

Com a responsabilidade própria dos superiores, procuramos uma orientação que seja uma ajuda a não extinguir o Espírito. Procuramos colocar-nos nas pegadas duma oração autêntica e criar aquelas aberturas onde o imobilismo, o ritualismo mecânico ou a incúria isenta de autocrítica evangélica frustraram a vida de oração das nossas comunidades e por isso não vitalizam a nossa fraternidade no Senhor.

**"Senhor, ensina-nos a orar, como João ensinou os seus discípulos"** (Lc. 11, 1). Assim disse um dos discípulos, depois de ter visto Jesus orar. Com a nossa mensagem, procuramos fazer nossa a atitude daquele discípulo. Não continuamos na realidade, sempre discípulos na oração, com as suas múltiplas possibilidades e tonalidades?

Que todos nós, assíduos na oração (Atos 2, 2), nos ajudemos fraternalmente dentro da comunidade Carmelitana. na qual o Espírito nos faz participar da parte melhor.

Aylesford, 30 de outubro de 1973.

**Fr. Falco J. Thuis O. Carm.**

Prior Geral

---

<sup>1</sup> **Documentos recentes da Ordem do Carmo: um caminho de renovação pós-conciliar.** Coletânea Carmelitana. 1ª Edição, 1991.



## A MENSAGEM

De 22 a 27 de outubro de 1973, realizou-se em Aylesford, na Inglaterra, o Segundo Conselho das Províncias, segundo o n.º 339 das Constituições. Tomaram parte os Padres Falco J. Thuis, Stefano Possanzini, Sean Coughlan, Ricnard Bryg, José Cardoso, Gondulf Mesters, Paul Ho-ban, António Gonçalves. Frutuoso Aisa, Ignazio Episcopo, Serapion Zuk, Alfonso Brennan e Franz Kutschruiter<sup>2</sup>. Os Padres Emanuele Boaga e Christopher O Donne I foram encarregados da secretaria e os Padres Mark Attard e Mamn Pierik das traduções.

O P. Geral abriu o Conselho com um discurso introdutório sobre a situação concreta da oração na nossa Ordem<sup>3</sup>, tendo por base os conhecimentos adquiridos pessoalmente e os dados fornecidos pelos seus Assistentes durante as visitas destes dois anos.

Decidimos imediatamente e a comum acordo que os trabalhos deste Conselho fossem orientados para resultados de caráter prático, uma vez que o próximo congresso internacional (Abril de 1974) deve tratar difusamente do aspecto teológico e científico da oração.

Por isso, em primeiro lugar procurou-se apresentar a situação da oração, existente nas comunidades da Ordem, ouvindo a descrição feita pelos delegados regionais; nas sessões sucessivas foi avaliado o material apresentado e, no limite do possível, tentou-se dar respostas práticas a questões e dificuldades que surgirem.

O nosso trabalho foi distribuído em quatro sessões: **oração e vida religiosa, oração e comunidade, oração e atividade, oração e superiores**. A breve mensagem dirigida a todos os confrades, procura seguir esta ordem para maior comodidade.

O ponto comum de partida é que a oração ocupa um lugar central na vida do cristão e de cada Carmelita. Portanto "nós não nos reunimos em Aylesford para demonstrar a necessidade da oração", porque **"um religioso que não ora é como um pintor que não pinta"**. Dentro desta linha de convicções, constatamos que nas nossas comunidades sente-se a necessidade de revalorizar e reativar a oração; este desejo foi expresso por numerosos religiosos.

Se neste Conselho tratamos a oração como um problema, isso é devido às mudanças que se verificam na vida religiosa; mudanças que, por seu lado, foram

---

<sup>2</sup> P. F. Kutschruiter foi delegado pelo Provincial da Indonésia para representá-lo.

<sup>3</sup> Cfr. *Analecta O. Carm.*, 31 (1973), fase. 2.



causadas pelas mudanças profundas determinadas em todos os campos da vida. quer no mundo civil quer eclesiástico.

No passado, a vida religiosa era considerada prevalentemente como um meio de santificação individual e de serviço cultural a Deus (verticalismo); hoje, põe-se em maior evidência o seu serviço e o testemunho das realidades divinas a todos os fiéis (horizontalismo); por isso o próprio trabalho é considerado como uma forma de oração com a consequência que a oração explícita, quer individual quer comunitária, é praticada diversamente e, muitas vezes, torna-se problemática.

## **Oração e vida religiosa**

Da análise feita por cada um dos participantes, resultou que a oração na Ordem é expressa num conjunto de práticas dentro de um esquema velho ou novo, com fenômenos positivos e negativos, dos quais se podem tirar conclusões tanto otimistas como pessimistas. É difícil apresentar um resumo estatístico de quanto se ora nos nossos conventos e dos modos com os quais se exprime a oração; todavia, aparece claramente a grande variedade de formas: parte-se de conventos nos quais há ausência total de qualquer forma de oração comunitária para chegar através de estágios intermédios, a outros nos quais o interesse pela oração é muito consciente e a prática muito ativa.

Que dizer daqueles conventos onde falta ou é pouco frequente a oração comum? É provável que isto seja causado pelo trabalho demasiado; então é preciso reduzir aquelas atividades que impedem o decorrer da vida em comunhão fraterna. Ou então, e isto preocupa mais, isso é devido ao fato que não se sente em profundidade a vida da própria fraternidade: pode-se constatar facilmente que onde há fraternidade em Cristo, há vida comunitária, trabalho comunitário e oração comunitária.

Resulta de algumas relações que, em várias comunidades, a oração comunitária é feita quase unicamente como Obséquio a um costume. Mesmo quando se usa o novo breviário, não é raro que a recitação seja feita mecanicamente, sem o esforço necessário para tornar pessoal e sem usufruir variações oferecidas pelas novas fórmulas. Por vezes justifica-se esta pouca criatividade com o absorvente trabalho apostólico, por causa do qual os religiosos não encontram tempo para se dedicarem à preparação da oração.

Outras formas tradicionais de oração, que antes eram realizadas em comum (como a meditação, o terço, etc), são deixadas agora à devoção individual: pelo menos não



encontram tanto sucesso comunitariamente. Em algumas Províncias, porém, vigora ainda a meditação em comum, até com a experiência dos métodos zen.

Como era para desejar, foi muito ampla a comunicação de novas experiências. Como consequência das mudanças que se verificaram na vida religiosa, a oração também, que é parte central dela, sofreu variações. Muitas comunidades da Ordem exprimem a própria oração em formas fundadas na Palavra de Deus ou inspiradas na liturgia, concedendo muito tempo à reflexão pessoal. Nestas celebrações, os textos são bem preparados, segundo um tema especial que se muda cada semana, por religiosos encarregados ou por uma determinada comissão em nível provincial; tal comissão é ajudada, por turnos, por uma comunidade local. O texto preparado não é completamente fixo, mas goza de uma certa flexibilidade, pelo que pode ser utilizado sem dificuldade por comunidades pequenas ou grandes.

Em outras partes também a novidade assumiu várias formas: em algumas comunidades há, cada semana, um confronto com a Palavra de Deus em uma oportuna celebração litúrgica; o domingo é visto como o dia da oração com os fiéis com os quais se procura uma ajuda recíproca para uma profícua participação na missa. Em outras comunidades, na recitação das laudes e vésperas, dá-se especial relevo à leitura prolongada dos Santos Padres, da vida dos santos e autores modernos de espiritualidade ou então a troca de idéias.

Não faltam experiências de pequenas comunidades que celebram cuidadosamente, em encontros quinzenais, a liturgia eucarística, consagrando longos espaços de tempo às leituras sagradas. Está também em uso dedicar um dia por mês a uma recreação fraterna, em uma localidade campestre ou em um santuário, onde nunca falta a oração comunitária; outras comunidades, por seu lado, reúnem-se para o mesmo fim cada dois meses.

O modo de orar está em conexão com as atuais tendências do pensamento humano e religioso, com o qual cresce e progride. Tal progresso realizado nos últimos anos, em uma parte da Ordem, é assim descrito: "Antes estava em vigor o método dos chamados transcendentalistas, caracterizado por um acentuado verticalismo. Seguiu-se depois a secularização que acentuava o horizontalismo, no qual os imanentistas oravam de modo secularizado. Agora atravessamos um período que pode ser chamado personalístico, no qual se unem, como numa síntese, os dois aspectos do passado recente com o contributo da antropologia cristã".



Este personalismo na oração tem por fundamento a fraternidade em Cristo, na qual compartilhamos dons e carismas, experiências e visões de fé, e é promovido de diversas maneiras: ou utilizando a Bíblia e a Liturgia das Horas ou imagens tiradas da natureza e dando ocasião à reflexão pessoal. Estas formas respondem à necessidade do homem de ter na oração uma linha estável — oferecida pelo novo breviário — e ao mesmo tempo de evitar a monotonia, porque nas pausas de reflexão pessoal cada um se abandona à ação do Espírito que ora nele.

O método personalístico pode ser usado com fruto até por aqueles que se dedicam a uma intensa obra de apostolado, porque não requer mais tempo para preparar novos formulários; além disso, enquanto cada um responde à necessidade de orar comunitariamente, tem a possibilidade de suscitar novas formas de oração pessoal.

Refletindo sobre a situação da oração na nossa Ordem, tivemos a impressão de que em nenhuma parte se encontrou uma forma que satisfaça plenamente os religiosos e os dispense da pesquisa. Quase em toda a parte ferve ainda esta pesquisa; para tal fim, talvez, possam ajudar as seguintes reflexões do nosso Conselho.

## **Oração e vida comunitária**

As nossas comunidades sem a oração não podem ser autênticas expressões de fé, esperança e caridade<sup>4</sup>. Tal oração, enquanto possível, deve ser um reflexo da vida comunitária, manifestação de todos os seus componentes: alegria e necessidade, desejos e funções. **Orar em conjunto significa refletir em comunhão sobre o fundo religioso dos elementos mais essenciais da nossa vida e apresentá-los diante do Senhor.** A nossa fraternidade em Cristo exprime-se na oração, com a qual, por sua vez, é fecundada e reforçada.

A ação recíproca entre fraternidade e oração foi amplamente ilustrada por nós. Na comunidade, constituímos em primeiro lugar uma fraternidade em Cristo, chamados pelo seu Espírito a viver em unidade para sermos testemunhas diante do povo de Deus; por isso, a missão, as funções e os deveres do ministério, como também qualquer outro trabalho, devem ser orientados para as exigências da vida fraterna. Esta verdade deve estar na base da educação e reeducação de todos os membros da nossa Ordem, para que a vocação ao Carmelo seja vivida na sua plenitude.

---

<sup>4</sup> Constitutiones O. N., n. 30.



Se a fraternidade representa um valor primário na vida religiosa, **os candidatos que desejam abraçar a nossa Ordem não devem aspirar ao trabalho apostólico**, como seu primeiro ideal, mas devem antes de tudo formar-se no sentido da fraternidade, que se exprime na comunhão de vida com os outros, quer na oração como no trabalho.

Portanto, tal oração, sendo elemento necessário para viver na fraternidade em Cristo, é indispensável também nas pequenas comunidades, onde ao contrário — segundo uma constatação — muitas vezes a prática da oração comunitária se tornou precária devido a múltiplas atividades. Pode-se porém remediar tal inconveniente, organizando parte da oração; por exemplo, laudes e vésperas, na celebração eucarística ou em outras celebrações, feitas na igreja juntamente com o povo do qual somos apóstolos. Isto concorre a reforçar os nossos contatos com as pessoas no meio das quais trabalhamos e a aumentar o raio de ação das nossas comunidades.

Sob alguns aspectos, as pequenas comunidades têm mais vantagens no que diz respeito à oração, visto que, de preferência às grandes, são mais homogêneas e os membros podem mais facilmente chegar a um acordo sobre as formas de oração e tentar novas experiências com mais probabilidade de sucesso. No decorrer da história, movimentos importantes de reforma tiveram origem em fraternidades pequenas e homogêneas.

Se a nossa Ordem, no decorrer dos séculos, deu um grande contributo à oração, é nosso dever hoje despendar energias para dar uma ajuda aos homens do nosso tempo. Por isso estão dentro da linha da nossa tradição aqueles religiosos que estão empenhados entre os cristãos nos movimentos espontâneos de oração ou nos grupos carismáticos, como o movimento pentecostal; tanto mais que estes grupos mostram interesse e uma certa afinidade com a doutrina dos nossos autores.

Seria também útil reexaminar os nossos métodos antigos de oração e adaptá-los às exigências do homem dos nossos dias: por exemplo, viver na presença de Deus encontra uma nova aplicação na necessidade de descobrir Deus na fraternidade universal e de prosseguir com coerência a ação do Espírito.

Deseja-se também que os peritos da nossa Ordem em problemas espirituais in genere e da oração em particular se encontrem anualmente com os membros do Institutum Carmelitanum para valorizar o nosso "patrimônio espiritual" e dar uma resposta às exigências da espiritualidade contemporânea. De igual modo, poderiam tratar das questões que lhes fossem propostas pela Cúria Geral ou pelos Provinciais (por exemplo,



relação entre desenvolvimento da pessoa e oração, entre a contemplação em nossos dias e a libertação do homem no Reino de Cristo) e publicar em "Carmelus" os resultados dos seus encontros.

Enfim, que significado têm para a vida de oração de uma comunidade os textos do breviário e do missal, oração oficial da Igreja? Certamente foram preparados por peritos de todo o mundo e oferecem a muitos uma ajuda válida para orar num contexto de fraternidade universal. Não nos são impostos arbitrariamente para limitar a nossa liberdade, mas são oferecidos como um subsídio à oração comum; e, embora na fixidez geral das suas fórmulas, deixam um espaço suficiente às iniciativas pessoais, mediante as quais é fácil exprimir as necessidades próprias e da comunidade.

A oração para o homem é sempre uma arte difícil: "Nós não sabemos orar como se deve", mas o Espírito intercede por nós segundo Deus<sup>5</sup>. Em primeiro lugar, portanto, devemos acolher a ação do Espírito em nós e corresponder às suas inspirações empenhando-nos com todas as faculdades. Não é lícito negligenciar o fator humano do empenho mas, para o valorizar adequadamente, devemos procurar também que as fórmulas de oração respondam às necessidades da nossa vida individual e comum.

## **Oração e atividade**

A dificuldade de harmonizar a oração com o trabalho aparece com frequência nas nossas discussões; as soluções dadas, tendo muitas vezes falta de clareza, geram equívocos. Não é por acaso que alguns identificam simplesmente o trabalho com a oração; e porque nestes tempos as atividades cresceram desmedidamente, dispensam-se de consagrar períodos determinados à oração, justificando-se com o fato de dirigirem a Deus todo o seu trabalho.

A nossa reflexão comum levou-nos a concluir, com pleno acordo, que o fundamento da oração e do trabalho é a atitude constante com a qual toda a nossa pessoa se abre na fé, esperança e caridade a Deus e à sua criação, a Cristo e às suas ações salvíficas, e a todos os irmãos em Cristo<sup>6</sup>; assim toda a nossa vida recebe um novo significado desta união com o Pai<sup>7</sup> no Filho e com os irmãos.

Tal atitude exprime-se em formas diversas mediante as quais tornamos concreta e atual esta comunhão: audição e resposta à palavra divina, sozinhos e em diálogo com os

---

<sup>5</sup> Rom. 8, 26-27.

<sup>6</sup> Cfr. Mc. 1, 7; Constitutiones O. N. n. 82.

<sup>7</sup> Constitutiones O. N. n. 81.



irmãos, reflexão sobre aquilo que é Deus e ação de graças por quanto fez por nós<sup>8</sup>, serviço pelo seu reino de justiça e de amor mediante o nosso apostolado.

Como Carmelitas, chamados pelo Espírito à fraternidade em Cristo no celibato consagrado, vivemos necessariamente esta atitude de abertura a Deus e ao seu reino em união fraterna entre nós<sup>9</sup>, na qual levamos quotidianamente os nossos dons do Espírito, as nossas preocupações e os acontecimentos do mundo e os exprimimos na oração comunitária<sup>10</sup>, da qual auferimos credibilidade a nosso trabalho apostólico comum.

Por isso não existe em teoria nenhuma oposição entre oração e atividade, visto estarem unidas entre si na fonte comum da vida teologal. Por consequência, uma atividade, sustentada e inspirada por esta vida, é oração. Na prática, porém, do nosso comportamento quotidiano, é necessário tomar o exemplo de Cristo que, depois do trabalho apostólico, se retirava a orar sozinho no monte<sup>11</sup>, ou orava explicitamente durante o trabalho<sup>12</sup> e outro tanto faziam os apóstolos<sup>13</sup>.

Além disso, a leitura dos "sinais dos tempos" leva-nos a fazer uma séria e profunda reflexão: Muitos nossos contemporâneos, dedicados principalmente a uma atividade extenuante, sentem uma forte necessidade de períodos de repouso, de reflexão e de oração. Com razão, pode duvidar-se se no mundo hodierno é possível descobrir o sentido humano e religioso da nossa atividade vertiginosa e conservá-lo no comportamento da vida quotidiana, Sem uma vez por outra dedicar algum tempo ao repouso e à reflexão<sup>14</sup>.

Destas considerações, deduz-se que também nas pequenas comunidades deve haver lugar para períodos de oração em comum, para que não diminua o sentido da fraternidade em Cristo e não sequem as fontes do nosso apostolado. Além disso, todos constataram que se se consegue encontrar tempo para a recreação, com maior razão se deve encontrar para a oração comum, embora os encontros não possam ser muito frequentes.

---

<sup>8</sup> Ib.. n. 56.

<sup>9</sup> Cfr. ib., n. 12.

<sup>10</sup> Cfr. ib., n. 28.

<sup>11</sup> Lc. 6,12: "Subiu o monte para orar e passou a noite a orar a Deus"; Lc. 9,28; "Subiu ao monte para orar. Enquanto orava, o seu rosto tomou outro aspecto"; Lc. 11,1 "Enquanto estava num certo lugar a orar".

<sup>12</sup> Mt. 14,19; 15,36; Mc. 6,41; 8,7; Lc. 9,16; Jo. 6,11: quando dá graças a Deus na multiplicação dos pães; Mc; 7,14 quando cura o surdo mudo; Jo. 11,41 quando ressuscita Lázaro.

<sup>13</sup> ct. 2,1-15 recolhidos todos em conjunto no cenáculo; 3,1; 10,9; 16,25 alguns apóstolos em circunstâncias particulares.

<sup>14</sup> Gaudium et Spes, 41: "O homem terá sempre o desejo de saber, ao menos confusamente, qual o significado da sua vida, do seu trabalho e da sua morte". Presbyterorum ordinis, 8: "É bom que os presbíteros também se reúnam voluntariamente para passar em conjunto na alegria algum momento de recreação e repouso, lembrados das palavras com que o Senhor convidou os apóstolos fatigados: "vinde, vamos para um lugar deserto para descansardes um pouco" (Mc. 6,31).



Em algumas Províncias, permite-se aos religiosos, que o desejam, retirar-se durante um certo tempo das atividades para dedicar explicitamente à oração. Esses participam nas chamadas "casas de oração", "terziat"<sup>15</sup> ou "jornadas do deserto": são novas formas de retiro praticadas hoje com muito fruto.

É para desejar que um número sempre maior de religiosos se sirvam destes meios, não somente para as próprias necessidades espirituais, mas também para aprender o modo de orar e tornar-se depois fermento de oração nas próprias comunidades. Só podemos guiar os outros nos contatos com Deus, se nós mesmos conquistamos um profundo conhecimento e fizemos a necessária experiência.

Também as nossas religiosas, sem renunciarem à sua forma externa de vida e na plena aderência às suas exigências, podem colocar a própria experiência e os próprios métodos de oração à disposição da comunidade cristã em geral e, particularmente, daquelas pessoas ou grupos que procuram o contato com Deus no clima propício de um mosteiro. Se o Carmelo é escola e oferta de oração, isto é facilitado principalmente nos seus mosteiros que são eminentemente casas de oração<sup>16</sup>.

Para este fim é necessário também que a clausura seja considerada não como meio exclusivo de ascese individual em favor da própria religiosa, mas como função prevalentemente eclesial: não significa simples clausura ou fuga do mundo, mas delimita um lugar apto a favorecer o recolhimento e a união com Deus especialmente com a oração e a dar fraternalmente um testemunho e uma ajuda à comunidade dos cristãos.

## **Oração e superiores**

A função do superior na oração comum é de grande importância e torna-se um momento delicado da sua atividade: ele deve ter imaginação e criatividade para inspirar à comunidade formas oportunas e impedir a estagnação nos laços do conformismo; deve conhecer a prática da oração e os recônditos da alma humana, para que a sua orientação seja convincente, e mostrar interesse nesta sua obra moderadora para que a oração seja recebida por todos como um meio de expressão autêntica para o indivíduo e de comunhão na fraternidade.

---

<sup>15</sup> São praticados na Alemanha e consistem em três meses, durante os quais os religiosos se dedicam a uma mais intensa vida espiritual.

<sup>16</sup> Cfr. o discurso do P. Geral na Assembléia Internacional das Monjas Carmelitas em Zaragoza, dia 19 de fevereiro de 1973, em Anacleto O. Carm. 31 (1973).



É claro que no superior não pensamos pôr em foco a figura da pessoa revestida somente da autoridade jurídica, mas falar de quem tem a missão de animar a vida da própria comunidade, sentindo-se empenhado em ajudar cada um a atingir aquele nível de espiritualidade no qual a salvação, que nos foi merecida por Cristo, é experimentada pessoalmente.

Para que a oração, comunitária e individual, seja realmente autêntica, o superior procurará interromper a monotonia das fórmulas que se recitam por hábito e sem algum relevo na vida. Por isso, será sensível também aos novos métodos de oração, perante os quais não deverá ser arrastado passivamente pelos outros; mas, uma vez que podem ser sinais de vitalidade espiritual, deve encorajá-los e dirigi-los com tato e discrição.

Cada membro da comunidade é dotado de qualidades e capacidades próprias; o superior servir-se-á deles para tornar a oração comum mais rica e variada nas diversidades das fórmulas. Mas, atento às necessidades da comunidade, saberá apreciar também as formas tradicionais da oração, se estas são desejadas pela comunidade ou por qualquer membro dela.

De igual modo, ao exortar à oração, intervirá com delicadeza para livrar da ansiedade aqueles que estão angustiados pela culpa, por terem faltado à recitação da Liturgia das Horas ou porque a própria recitação é feita de uma maneira que não se quadra com o seu gosto.

Fará todo o possível para que a oração, principalmente a comunitária, tenha influência na vida da própria comunidade. Estará, por isso atento a colher os sinais desta influência através da serenidade de espírito em que vivem os religiosos e do sentido de fraternidade que esses adquiriram. Também da atitude de vida do indivíduo e do interesse demonstrado pela própria comunidade e por toda a família humana, ele poderá ter indícios válidos para julgar se a oração exerce um influxo real sobre a sua vida.

Ele, todavia, estimulará sempre a vida de oração e de fraternidade, que a nossa vocação carmelita requer com tanta urgência, e favorecerá aquelas iniciativas aptas a torná-la amadurecida. Promoverá a instituição de comissões, em nível provincial e local, com a missão de estudar a possibilidade de oração e de criar novas fórmulas e novos métodos; encorajará as reuniões de religiosos ou de comunidades, nas quais se dá um lugar importante à oração comum e à liturgia.

Para suscitar maior interesse pessoal na oração comum, principalmente quando esta se resume na recitação do ofício, convide os religiosos a intermediá-la com pausas



de silêncio para a reflexão, ou então a exprimir os próprios pensamentos e sentimentos depois da leitura da Sagrada Escritura e dos Padres, aplicando os ensinamentos da Palavra de Deus aos acontecimentos da própria vida e da sociedade. Nunca estará satisfeito com as expressões mínimas de oração, especialmente se com essas a comunidade revela pouco interesse por uma realidade tão importante.

Poderá, de acordo com a comunidade estabelecer um tempo de recolhimento, durante o qual se abstenham de falar, recrear-se, trabalhar, ouvir rádio, discos, etc, para que a cada um seja facilitado o exercício da meditação e da contemplação.

Pode acontecer que os membros de uma comunidade, por causa das formas de oração, se dividam na escolha de uma ou outra, polarizando-se em opções diversas. A polarização, por vezes, pode chegar a formas extremas: chega por vezes a levar um religioso a abster-se da celebração comunitária, porque não a julga um ato autêntico de fraternidade, devido ao seu estado de alma em oposição com alguns irmãos.

Certamente que se, em nível humano, falta em uma comunidade a concórdia, a oração comum torna-se então difícil ou impossível, porque se desmorona o fundamento necessário da religião. "Vai em primeiro lugar reconciliar-te com teu irmão; depois volta a apresentar a tua oferenda"<sup>17</sup>. Todavia, a oração e, principalmente, a Eucaristia podem contribuir para superar uma polarização incipiente ou ainda não demasiado adiantada.

Sendo, porém, a polarização um estado anormal, não se deve suportá-la passivamente, mas procurar superá-la com meios adequados: até em uma comunidade polarizada por contrastes humanos, afetivos e intelectuais, é possível encontrar-se no nível superior da fé, da caridade e do mistério. A oração e a Eucaristia são formas de participação em um mistério que transcende todos os pontos de vista e os sentimentos entre si; por isso, o superior procurará também facilitar a união dos seus irmãos na realidade do mistério de Cristo.

É sintomático que os grupos de oração (prayer groups), que se inspiram na corrente espiritual hodierna dos movimentos carismáticos, muitas vezes reúnam cristãos de tendências diversas. Esses nos dão a prova de uma unidade vital que supera e destrói a polarização<sup>18</sup>.

Dizemos isto a todos os nossos irmãos, depois de nos termos interessado, em Aylesford, sobre a situação da oração na Ordem. Tratamos o argumento sobre o aspecto prático, interrogando-nos principalmente sobre aquilo que os superiores teriam para dizer

---

<sup>17</sup> Mt. 5,24.

<sup>18</sup> Cfr. L. S. SUENENS, Como superar as polarizações?, em Concilium 8/1973



sobre um assunto tão importante. Por isso, excluímos os aspectos doutrinários considerados tanto pela teologia como pela psicologia.

Confiamos que o próximo congresso sobre a oração, organizado pelo Institutum Carmelitanum, através do estudo e debates de nível científico, possa fornecer-nos ulteriores indicações válidas e úteis sobre este problema de fundamental importância para a vida espiritual da nossa Ordem.

Temos em conta que nossas sugestões têm importância diversa para as diversas Casas e Províncias, que a situação não é uniforme em toda a Ordem. Apesar de tudo, esperamos ter prestado um bom serviço a muitos. Todos nós encontramos ao longo da estrada que nos conduz à meta e temos necessidade de ser ensinados por Deus; por isso, repetimos com confiança, e em conjunto, como um dos Apóstolos: "Senhor, ensina-nos a orar"<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> Lc 11,1